

## **PSICANÁLISE: AMPLIANDO A ESCUTA**

Encerramento do curso Psicanálise e Cultura 2021

Carmen Da Poian – novembro 2021

Vejo a Clínica Psicanalítica como possível de se orientar por diferentes caminhos, mas sempre centrada no inconsciente singular. Inconsciente não mais visto necessariamente como o do recalque, mas também como inconsciente da pulsão que contém a história individual, a história social e mesmo a história biológica do sujeito. O grande Outro, os pequenos outros, o corpo, que os neurocientistas investigam tão bem, estão presentes no inconsciente particular da psicanálise, inconsciente da individualidade mas não do individualismo.

Podemos então priorizar a escuta de cada uma dessas dimensões do inconsciente que, em sendo a escuta de cada um, estará sempre dentro do campo psicanalítico. Para mim a escuta do social, em cada história trazida por cada paciente, importa muito na constituição de sua subjetividade. Acho mesmo difícil expor hoje um caso clínico sem que a dimensão da sociedade atual (do narcisismo exagerado, do excesso de informações, dos preconceitos sociais, etc) não seja levada em conta. Vejo então a psicanálise cada vez mais como uma psicanálise aplicada à cultura.

Tudo o que foi trazido por vocês nas aulas, como características da sociedade contemporânea (história da democracia, morte da democracia, super-ego feroz, medos, solidão, depressão, excessos, negacionismo, perversões mas também criatividade possível) está inscrito em cada subjetividade qualquer que tenha sido sua história singular.

É este meu ponto de vista quando, por exemplo, escuto meu paciente gay com excesso de mãe mas também com excesso de preconceitos sociais: ou escuto a história de vida de minha paciente infeliz no casamento mas sem conseguir enfrentar a separação numa sociedade que não oferece recursos materiais e criativos para que ela a enfrente; ou escuto minha jovem paciente perdida sem projetos e sem entender para que serve seu diploma universitário de Letras... Poderia enumerar vários outros pacientes atuais que trazem suas histórias particulares que precisam ser escutadas mas também ampliadas em sua dimensão. Fico atenta à história de cada vida (seu “romance familiar do neurótico” dizia Freud) mas também às mudanças sociais que estiveram e estão em seu caminho e que permitem (ou não...) ao indivíduo ser capaz de arriscar de modo mais amplo o

exercício de seu desejo apossando-se não só de sua história, mas também da grande História que o determina.

Penso que ser psicanalista inclui também ser cidadão do mundo e exercer seu ofício enquanto tal. O próprio Freud dizia que a Psicanálise tem uma responsabilidade social estimulando o pensamento a derrubar preconceitos sem suscitar qualquer convicção fechada. De acordo com o movimento da História, os laços sociais se modificam e as subjetividades vão se refazendo. A invenção da Psicanálise se deu dentro de um contexto de guerras, perseguições e repressões sexuais. Hoje o contexto é outro, o tabu da morte toma o lugar do tabu do sexo, a miséria, a violência, a questão climática, a epidemia atual do vírus, a falta de lugar de indivíduos de países e culturas diferentes que as imigrações atestam atingem o mundo inteiro e invadem nossas questões e nossa formação subjetiva. Dany Dufour nos diz que o nascimento do Homem se dá duas vezes: um para a Natureza e outro para a Cultura. E isto fica claro na clínica, por exemplo, observamos que histerias e neuroses obsessivas deram lugar a estruturas narcísicas constituídas dentro da cultura do ego, a estados-limites entre neurose e psicose e a perversões em maior número onde as transgressões não são mais só do proibido (o que levaria a puras neuroses) mas transgressões do impossível ao Humano e que leva ao gozo onde só o eu existe. Nosso mundo hoje não é mais só repressor, mas é também sedutor visando um preenchimento onipotente. Mundo transhumano de tecnologias desmedidas ou mundo pós-humano onde qualquer sexualidade é válida mesmo que anule o outro.

O tema trazido por mim neste curso – Sujeito e Democracia – foi pretexto para análise do movimento da sociedade atual onde, muitas vezes, soluções sintomáticas se confundem com sofrimentos socio-existenciais, sofrimentos de ordem diferente que têm a ver com a “miséria simbólica” diz Marion Minerbo de nosso tempo. Podemos até falar em “patologias do social contemporâneo” como fazem Vladimir Safatle, Christian Dunker e Nelson da Silva Jr. em seu livro “Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico”.

Torna-se, então, importante saber diferenciar tipos e transformações do sofrimento psíquico percebendo que nem todos resultam de minha história individual, embora se façam presentes nela, não sendo sintomas no sentido estrito propriamente psicanalítico, mas podendo se originar de um outro tipo de mal-estar, um mal-estar que nos invade de fora, mal-estar de nossa condição no momento social em que vivemos. Ambos produzem sofrimento no meu psiquismo, mas sofrimentos com origens diferentes. Isto pode ser visto, por exemplo, em situações depressivas que chegam aos nossos

consultórios e que resultam não da ausência de mãe mas sim como ausência de proteção do sistema social onde nos encontramos e que nos leva a buscar sustentações externas, seja em medicações, seja em tecnologias exageradas, seja mesmo em um pequeno aparelho celular que sempre nos acompanha substituindo, muitas vezes, pensamentos e ações de um eu que poderia ser mais centrado em si próprio, mais seguro e mais criativo. Neste sentido a depressão estaria provindo da “ausência do mundo” como diz Byung-Chul Han ou pode ser vista como consequência de “um mundo que consome” não só objetos, mas nossa própria subjetividade que é projetada na matéria como diz Ailton Krenak.

Portanto, sintomas ou mal-estar, ambos presentes em nosso psiquismo, mas em planos diferentes. Christian Dunker de alguma forma se refere a isto quando fala em transformações do sofrimento psíquico contemporâneo.

Penso, então, ser válido colocar a questão da importância fundamental do exercício da psicanálise aplicada à cultura. Como exercê-la dentro de uma Política que tenta destruir por dentro a Democracia que, para existir, necessita de um sujeito participativo, responsável e ativo, ou seja, deste mesmo sujeito que a clínica psicanalítica busca aceder, sujeito com escolhas responsáveis e livres e que se move dentro da grande Lei do Humano e dentro das leis que permitem a existência de uma sociedade de iguais. Safatle pergunta como se pode falar em “cura” dentro de uma sociedade doente. E esta é uma pergunta fundamental que faz refletir sobre o lugar da psicanálise bastante difícil de ser exercida hoje pois, parece, que a própria condição humana se em perigo. Ora o trabalho psicanalítico é um trabalho artesanal (dizia Edson Lannes) que exige muita entrega e muita paciência. Mas pode (e deveria) ser libertador levando à abertura de caminhos internos que, pouco a pouco, intervirão no coletivo que nos envolve pois enquanto psicanalistas tentamos tornar o indivíduo um sujeito consciente de seu eu e de sua responsabilidade diante de sua própria vida. Neste trajeto ele irá percebendo que ela não se faz sem laços pois sem o nós, o próprio eu se experencia como incapaz de existir.

Então concluindo: se entendermos que nosso mal-estar no mundo nem sempre é sintoma de nossa história particular, mas tem também a ver com a marca de um sofrimento comum que invade a todos, nosso desejo poderá se abrir para um movimento mais amplo sustentado por identificações validas e coletivas a nossos pares vistos como semelhantes – e não como concorrentes – nos diferentes campos que nos cercam.

Penso que conseguimos fazer de nosso grupo um exemplo no qual vale a pena apostar. Através dele a Psicanálise nos levou para além dela mesma, a uma vivência de solidariedade e de amizade.

### **Referências:**

DUFOUR, Dany Robert. *L'individu qui vient*. Paris: Denoel, 2011 e *Baise ton prochain*, Paris: Actes Sud, 2019.

DUNKER, Chistian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JR., Nelson da. *Patologias do social e neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2020 e 2021.

HAN, Byung Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2020. (e entrevistas várias na internet).

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo e A vida não é útil*. Rio de Janeiro: Ed. Cia das Letras, 2020.

ROUSTANG, François. *Le thérapeute et son patient*. Paris: Ed de l'Aube, 2001 e *La fin de la plinte*, Paris: Ed Odile Jacob, 2000.